

Supremassivo

02

Supremassivo , um mini coletivo que tem como objetivo ocupar ou não, espaços construídos, ou não, dentro e fora da cidade. Deixar a mente refletir sobre as coisas que se passam dentro de nossas cabeças. Partindo como pressuposto a impressão do objeto observado, na maior parte das vezes produzidos e gerados pela humanidade local. Uma ideia, atribuir à capital mineira, novos usos a seus espaços, sejam os últimos antigos, novos ou até mesmo aqueles que não existem ainda. Como um palimpsesto, sobrepomos camadas, ideias e qualquer outro combustível que gere energia mental.

A Lobotomia da Fé

O homem se converte ainda mais ao simbolismo de "viver no alto". Simbolismo este criado pelo período moderno como sinônimo de desenvolvimento da cidade e poder de um indivíduo. Se antes o meio urbano já era segregado, agora, com a física elevação da dinâmica de vida dos mais ricos, ele se torna quase totalmente excludente, tornando-se raríssimo o convívio simultâneo de indivíduos de diferentes classes sociais.

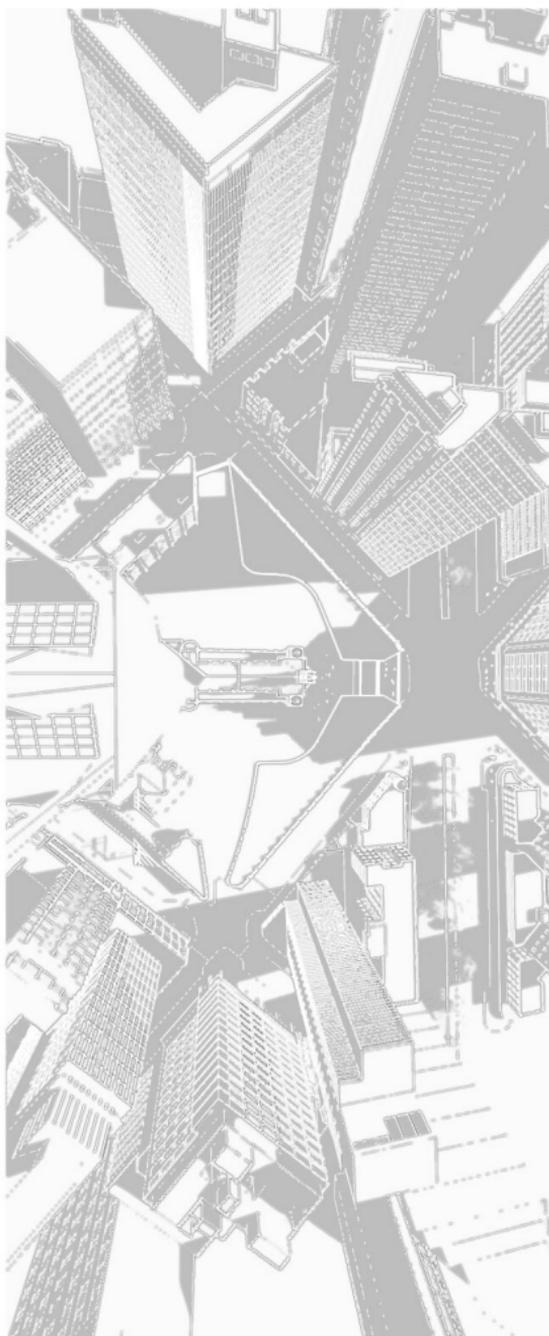
O caráter extremamente competitivo da sociedade atual ao redor de acúmulo de bens e status, conduz a mesma a uma disputa por altitude, afinal, esta será, cada vez mais, sinônimo de poder. Podemos dizer então que a física elevação da moradia e de toda uma vida de um indivíduo, acarretará a elevação do status do próprio ser.

Adentrando ainda mais no simbolismo de "viver no alto", este fenômeno reforçará o que há muito tempo habita no imaginário humano de, poder estar próximo de Deus e experimentar uma condição divina.

Enquanto o desfrute desta condição acontece nas alturas, o solo assume uma característica *underground*, onde o caos e a negligência se instalam.

A cidade segue os passos do extremo negacionismo, onde negamos a urbe e forçamos a verticalização para o distanciamento social entre classes.

É sabido que a humanidade interfere na paisagem de forma que esta sirva a seus interesses, necessidades e ideais defendidos pelo coletivo naquele momento; o que o Supremassivo propõe em seu segundo projeto é justamente a projeção e discussão destas necessidades e deste ideal em um cenário futuro motivado pela obra "Nova York Delirante" de Rem Koolhaas, e com isso apresentar uma perspectiva distópica de cidade para a RMBH, e dentro deste modelo propor ideias e críticas que a ela se misture.

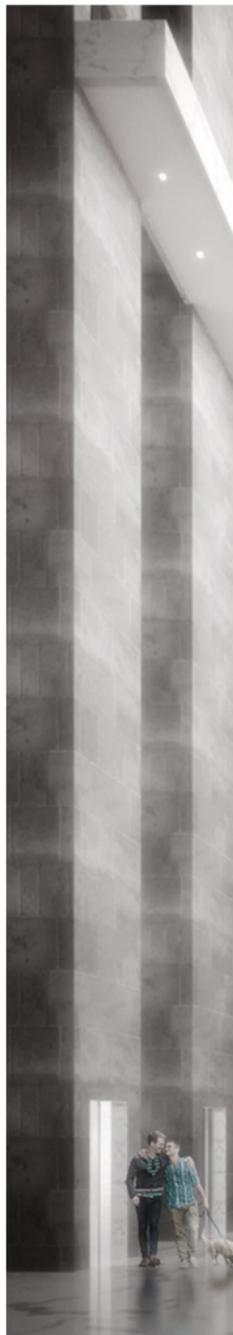


Heresia

O ano é 2073, processos imobiliários contrários à preservação da memória coletiva, que estavam em ascensão no início do século ganharam força, agravando ainda mais a deterioração e extinção daquilo que um dia já foi importante para a população, em prol da obtenção de lucro.

Essa inversão de valores, que acaba por oprimir a cultura e a diversidade em prol do capital, se consolidou em cima de discursos liberais, fazendo com que aquilo que um dia era um local de encontro, celebração, culto e/ou respeito à história, virasse apenas mais um terreno com a possibilidade de ser extrudado.

Vivemos deturpando não só os ideais, como também as prioridades. Dentre todos esses aspectos, podemos apostar em algumas leis de proteção ao patrimônio construído que conseguiram, mesmo com todas as adversidades, vigorar até meados do século XXI, permitindo que alguns poucos monumentos e marcos urbanos pudessem ser mantidos. Apesar dos esforços, porém, estas leis não conseguiram impedir que tais monumentos fossem ocultados, submersos à verticalização sem escrúpulos e assim, tornaram-se parte do *underground*.







Os novos edifícios que surgem em 2073, buscam o título de "monumento". Para alcançá-lo apostam em sua verticalidade colossal. Essa notoriedade escultural é tamanha, a ponto de subverter o olhar sobre a cidade que uma vez fora planejada e traçada para um novo patamar que ocupa cada vez mais o espaço aéreo. Esses edifícios ocupam lugares estratégicos na cidade, e, com o uso e importação de novas tecnologias, erguem seus usuários a um nível mais próximo de sua fé e de uma figura que foi, durante milênios, associada a um poder absoluto e incontestável. Reforçando assim o edifício como elemento envolto de simbologia divina, que permite a proximidade ou até mesmo o alcance do divo.

Otis



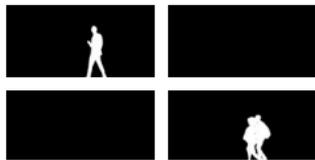
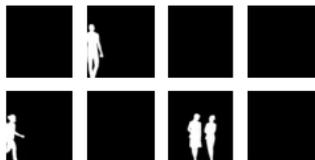
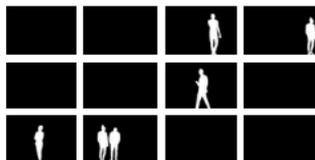
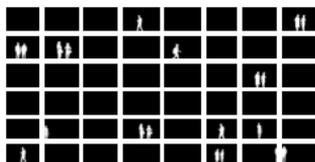
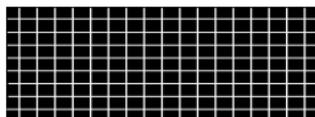
Extrusão da Terra

A malha urbana é extrudada. Os quarteirões têm a área de seus lotes multiplicados dezenas de vezes em direção aos céus, graças aos grandes edifícios. Dentro destes edifícios super delgados, o elevador permitiu o acesso a dezenas de plataformas sobrepostas e sustentadas pela mesma estrutura. Apesar de coexistirem no mesmo edifício, o mesmo não corrobora para que todos os andares nele contido estabeleçam algum tipo de dinâmica em comum, tornando-os desconexos e fragmentados.

Dentro destas plataformas, o plano é novamente dividido. Essa subdivisão do espaço aéreo acaba por criar unidades que estabelecerão pouca relação com o exterior.

Apesar destes problemas, essa arquitetura é difundida como inevitável num cenário de crescente densidade demográfica, necessária para uma sociedade imediatista que visa reunir, de maneira prática, elementos do seu cotidiano num mesmo espaço.

Uma vez reproduzida em massa, essa arquitetura acarretará uma nova paisagem urbana, tornando ruas e calçadas as únicas áreas sem potencial extrusão.



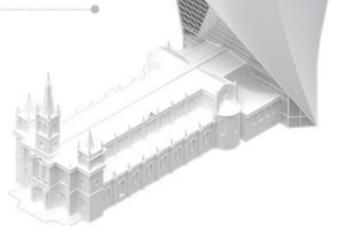
2073

A arquitetura sacra foi negada pela sociedade, apesar dessas construções terem conseguido se manter de pé, não houve nenhum interesse privado de fazê-las dialogar com o estilo de vida atual, e assim, foram excluídas da dinâmica urbana de 2073. Agentes imobiliários difundem a ideia que um estilo de vida voltado para tecnologia é aquele que deve ser almejado, visto como ideal.

A luta pela preservação do patrimônio construído ainda existe mas se limita a grupos que não conseguem barrar a alienação da população e a modulação do pensamento coletivo que caminha em congruência com o ideal capitalista que a oprime. A era da (des)informação ganhou uma massa aliada e alienada. Doutrinada pelo capitalismo, a população desacredita na arquitetura como instrumento de análise histórica e da preservação da memória. Olhar para o passado não faz mais sentido, é preciso olhar para o futuro, para o alto, é lá que ele está e é lá que as pessoas devem aspirar estar.

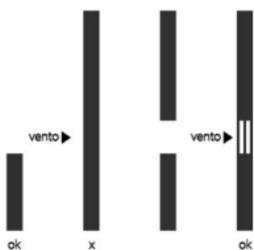
A arquitetura sacra, e tantas outras que foram ocultadas da dinâmica urbana, viraram guetos e fazem parte da periferia da nova cidade. Fadada à ruína, a igreja ainda reúne poucos que acreditam na memória que ela preserva, e muitos que, assim como ela, está presa ao solo e distante do ideal urbano.



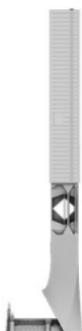


A análise feita por Rem Koolhaas em edifícios icônicos no início do século passado se reflete em edifícios atuais da capital mineira e naqueles que se erguem. A arquitetura suprime a arquitetura. Arranha-céus são criados, torres são acopladas em construções já existentes. Isso tudo para aproveitar uma área urbana estratégica provida de uma boa infra-estrutura, facilidade de acesso, e frequentado pelo público alvo.

Os malefícios da verticalização sem escrúpulos já são conhecidos. Sobrecarga de infra-estrutura, formação de ilhas de calor, aumento do número de carros em circulação, além da elevação do valor do terreno e do custo de vida daquela região e, conseqüentemente, a difícil aquisição e ocupação daquele espaço por pessoas de classes sociais desfavorecidas. Os altos edifícios, advindos desse processo de verticalização chegam a ser elementos autônomos, de dinâmica independente visto que em seu interior estão contidos inúmeros serviços, permitindo que o usuário supra suas necessidades cotidianas dentro daquela construção, ainda mais se o uso daquele edifício for moradia, serviço e comércio.



Com o usuário vivendo sua vida sem a necessidade de descer ao nível do solo, estaremos vivenciando as "estantes" que Koolhaas se refere, pois estes edifícios nada mais serão que prateleiras empilhando vidas desconectadas umas das outras e da cidade.



0m 40



0m 40



0m 40



0m 40



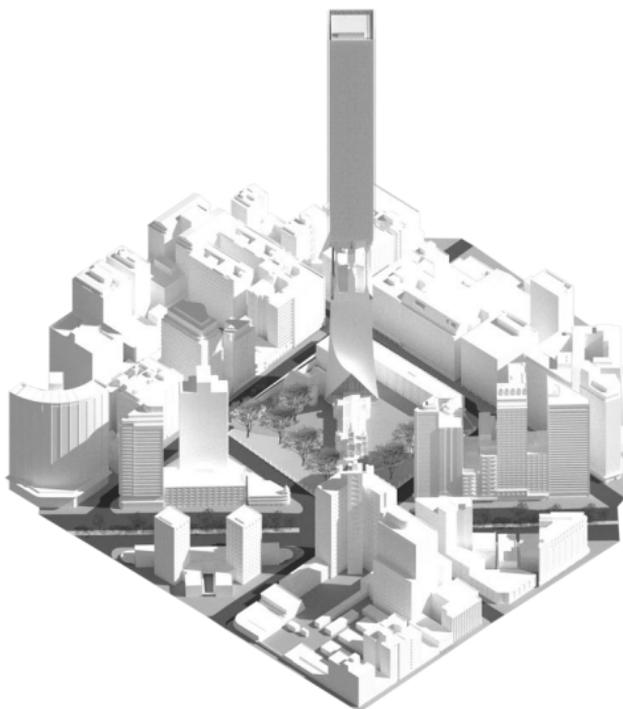
0m 40



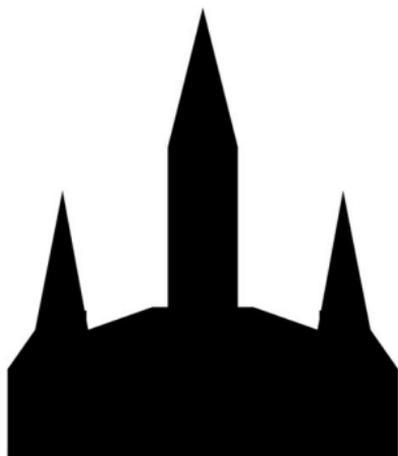
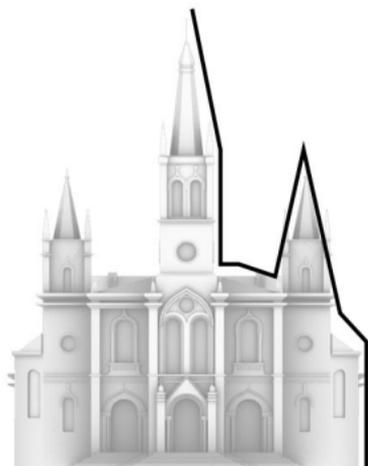
São José

Construída em 1901, a Igreja São José apresenta um estilo arquitetônico eclético de influência neogótica e traços neomanuelinos, um local de celebração da religião católica e reunia até o início do século XXI milhares de fiéis em suas missas semanais e eventos importantes para o calendário religioso. Dada a relevância histórica e arquitetônica, a igreja foi tombada em 1994 pelo Conselho Deliberativo de Belo Horizonte. É sabido que a igreja São José, assim como todo edifício religioso católico, é símbolo da instituição mais antiga do mundo, que exerceu, durante um longo período, uma influência maior do que qualquer outro regime político.

Tendo em vista o teocentrismo que regia a sociedade, as construções religiosas vieram como ponto central das cidades. Isso é comumente observado em cidades do interior do estado mineiro. Já que Deus era o centro do universo, a construção religiosa era o centro da cidade. O novo movimento é o capitalcentrismo que usa as mesmas bases de implementação que a igreja usava séculos atrás, fazendo com o que seu edifício seja o centro de comunhão da sociedade. Comunhão essa que tem como objetivo cultural e venerar o capital.



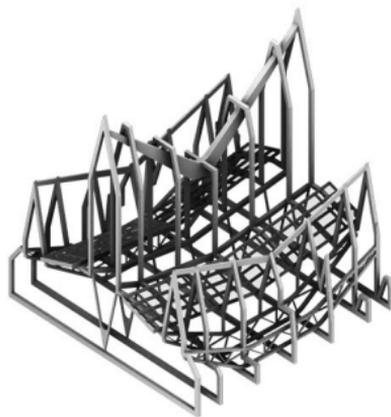
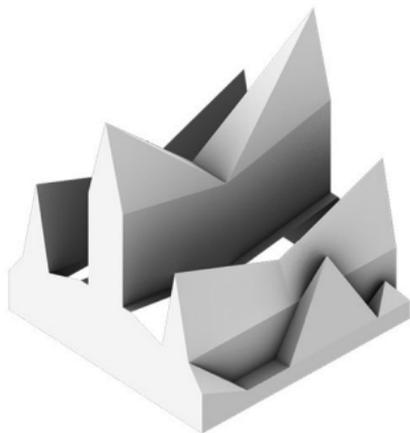
Ao longo do século XXI, entretanto, o prestígio e influência da igreja católica foram perdendo força. Em uma era de rápida informação, o passado do catolicismo foi exposto, o capital que ele acumulou ao longo da história veio à tona, e junto disso tudo, uma forte crítica da população. É no mínimo contraditório uma instituição que prega humildade, se transformar em um império tão rico e poderoso. A crítica à religião veio e abalou os alicerces do catolicismo, mas as falhas desta instituição não abalou a fé. A crença em Deus ainda existe, entretanto ele acaba, muitas vezes, se tornando um símbolo monetário.



Um Novo Templo

Em 2073, a expressão da fé já não aceita ser realizada dentro de construções religiosas de épocas passadas. A ligação moral entre fé e igreja já não existe mais. Isso acarreta em uma ruptura com o edifício tombado. Esse processo seria a lobotomia da fé. Tal "ruptura" foi usurpada dos fiéis por quem mais se beneficiaria dela. Outras instituições, empresas, agentes imobiliários viram nesse fenômeno de lobotomia como uma oportunidade de criar uma arquitetura com ânsia de auto monumentalidade e com grande promessa de lucro, que surgiu sob o pretexto de uma nova arquitetura que abrigasse aquela fé que se desgarrou de uma antiga igreja.

Uma vez construída e diante do desfavor para com a cidade, a população, os fiéis desabrigados, essa arquitetura acaba por ceder um espaço, cuja área é mínima se compararmos com o resto do edifício, para essa parcela da população que foi oprimida, enganada, excluída e ocultada. Essa concessão de espaço não foi feita por piedade, mas sim por se encontrar num momento em que se torna quase impossível sufocar certos movimentos sociais que lutam por igualdade e direito à cidade e ocupação lugares que lhe são negados.





É no mínimo irônico pensar que um espaço que surgiu pelo desgarrar de uma parcela da população que não queria que sua fé habitasse o espaço símbolo de uma instituição tão rica e poderosa, abriga hoje várias outras instituições igualmente abonadas.

Apesar do infeliz contexto e dos malefícios já citados, os altos prédios que surgem em 2073 se tornaram símbolos de poder e modernidade, e como tal, necessitam de uma arquitetura de igual requinte.

Arquitetos, então, cooperaram para o surgimento deste edifício, e implantam conhecimento técnico na estrutura, no planejamento dos espaços, na escolha de materiais etc. A responsabilidade social que arquitetos possuem, ou deveria possuir, para com a cidade vem sendo ignorada, porém o conhecimento técnico aplicado é exímio.



Dedicada a suportar os grandes vãos existentes entre a idolatria ao capital e pensamento social. Alguns até dizem que esse pensamento existe, porém ele acaba quando um negro sobe pelo elevador social.

Aquele que junto ao elevador (algumas para o vezes de carro) possibilitou a extrusão do terreno. Sustentando grandes espaços onde os ecos de ódio e hipocrisia reverberam. Grandes pés direitos que se compensam em discursos para reduzir a idade penal.

Aquele elemento que já vem com o pacote standard do mercado imobiliário, a questão aqui é saber se ele é para que a luz entre ou se serve apenas como um expositório do modelo "ideal" de vida. Pelo menos não é vidro verde.

Em alguns momentos sua eficácia pode ser medida pela quantidade de máquinas térmicas que se estacionam sobre elas. Esses espaços poderiam até atender pessoas, porém o materialismo automobilístico parece mais interessante.

No final das contas, resolvemos cobrir a fachada com um vidro semi transparente para que eles possam povoar as paredes com ar condicionado, assim a poluição visual externa fica menos perturbadora. Quando a hipocrisia e o individualismo atingirem níveis autodestrutivos, ainda existe espaço entre a janela e a fachada para que os fiéis possam saltar do pináculo de fé.



O Supremassivo apresentou nesta edição uma projeção futura que caminha para se tornar uma realidade bastante possível visto o avanço da desigualdade e exclusão presente nas cidades contemporâneas, que acabam por moldá-las para servir à lógica capitalista.

Entretanto, graças à existência de grupos sociais que prezam por igualdade, direito à cidade, preservação do patrimônio, dentre outras lutas, podemos flertar com a imagem de uma cidade diferente daquela que vivemos hoje.

É importante saber que por serem projetados por pessoas de uma determinada época para aquela determinada época, os edifícios serão reflexos da sociedade em que foram pensados, projetados e erguidos. Muitas vezes, portanto, denunciarão ideologias dominantes de caráter conservadoras, afinal, essa edificação estará inserida em uma sociedade e será reflexo da mesma. Porém, deixamos aqui, uma oportunidade de tomada de consciência da forma falha em que a formação dos espaços urbanos vem se dando, e saber que arquitetura não desempenha um papel passivo com relação à sociedade. Uma boa arquitetura se dará por sua funcionalidade e capacidade de modificar a cidade em que vivemos e moldar aquela onde queremos viver.



Até à próxima.